

Importância da Iniciação Científica e Projetos de Extensão para Graduação em Medicina

The Importance of Scientific Initiation and Extension Projects to the Undergraduation in Medicine

JULIANA CAVALCANTI RESENDE¹
RAFAEL BRUNO DA SILVEIRA ALVES¹
MAYRLA DE SOUSA COUTINHO²
GERSON BRAGAGNOLI³
CRISTINA RUAN FERREIRA DE ARAÚJO⁴

RESUMO

Objetivo: A Universidade tem sua base na indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Logo, objetivou-se investigar o nível de conhecimento sobre os programas de pesquisa/extensão, assim como traçar um perfil das principais áreas envolvidas em projetos no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CCBS) com os discentes do 1^o a 8^o períodos do curso de Medicina. **Metodologia:** Realizou-se um estudo descritivo quantitativo de março a abril de 2012. A coleta de dados foi realizada através de questionários versando sobre a participação, o interesse e problemas para ingressar em programas de iniciação científica e extensão. **Resultados:** Dos 149 estudantes, 18,1% responderam que a falta de tempo foi o principal problema para o ingresso nos programas. A participação de alunos nos programas aumenta ao decorrer do curso enquanto o interesse em participar se faz presente desde os primeiros períodos. 91,4% acreditam que esses projetos contribuem para a sua formação profissional e aponta-se o enriquecimento do currículo como principal foco dos alunos engajados. Em relação às áreas de atuação evidencia-se Ginecologia/Obstetrícia (29,41%) como eixo preferencial para pesquisa e Saúde Coletiva (22,72%) para extensão. **Conclusão:** Percebe-se que existe uma deficiência em relação ao acesso dos discentes do curso de Medicina às atividades de iniciação científica e extensão. Maior sensibilização e acesso à informação são efetivos no envolvimento de graduandos em atividades extracurriculares.

DESCRIPTORIOS

Medicina. Relações Comunidade-instituição. Projetos de Pesquisa. Educação de Graduação em Medicina.

ABSTRACT

Objective: University has its basis in the inseparability of Teaching, Research and Extension. Given this, it was aimed to investigate the level of knowledge on research/extension programs, as well as to profile the key areas involved in projects at the Center for Biological and Health Sciences, Federal University of Campina Grande (UFCG / CCBS), with students from the 1st to 8th periods of medical school. **Material and Methods:** We carried out a quantitative descriptive study from March to April 2012. Data collection was conducted by means of questionnaires about participation, interest and problems to join undergraduate research and extension programs. **Results:** Of the 149 students, 18.1% referred to lack of time as the main problem for entering into the programs. The participation of students in the programs increases during the course, while interest in participating has been present since the earliest periods. A total of 91.4% believe that these projects contribute to their professional training and point curriculum enrichment as the main focus for them to be engaged. Regarding areas of expertise, gynecology / obstetrics (29.41%) are the preferred axis for research as public health (22.72%) is for extension. **Conclusion:** It is noticed that there is a deficiency in relation to the access of medical students to research and extension activities. Increased awareness and access to information are effective in engaging students to extra-curricular activities.

DESCRIPTORS

Medicine. Community-Institutional Relations. Research Projects. Undergraduate Medical Education.

1 ¹Graduando(a) em Medicina e Bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexão de Saberes / Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande/PB, Brasil.

2 ²Graduanda em Enfermagem e Bolsista do Programa de Educação Tutorial - Conexão de Saberes / Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande/PB, Brasil.

3 ³Professor Doutor de Bioestatística do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande/PB, Brasil.

4 ⁴Professora Doutora de Histologia e Embriologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e Tutora do Programa de Educação Tutorial- Conexão de Saberes / Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande/Paraíba, Brasil.

No âmbito acadêmico universitário, diferentemente de outras instituições de ensino objetiva-se a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, fomentando a construção, produção e difusão de conhecimentos, criando novas teorias e pensamentos a partir dos alunos que, a cada ano, concluem o ensino superior (CARNEIRO *et al.*, 2011). O desenvolvimento da pesquisa, no campo educacional, exerce um papel importante para a geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias e para o aperfeiçoamento do espírito crítico e reflexivo na formação acadêmica (SARAIVA, 2007).

Em face disso, a iniciação científica é um instrumento que introduz os estudantes de graduação na atividade de pesquisa (STEINERT *et al.*, 2008). Essa experiência durante a graduação, afeta o perfil do estudante, e pode estar associada a um melhor desempenho profissional (REIS FILHO *et al.*, 2010; OLIVEIRA, ALVES, LUZ, 2008), associando graduação, atividades de criação, discussão e organização do saber científico (FIGUEIREDO, TAVARES-NETO, 2004).

Atualmente, as Universidades estão dando bastante ênfase à produção científica, incentivando professores e alunos nesta prática. Diversas escolas médicas nacionais, a exemplo do que acontecia no exterior, implantaram, sob forma de disciplina, programas de iniciação à pesquisa científica (MONTES, 2000).

Na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) tal produção encontra-se prevista no próprio regimento. Segundo o Estatuto da Universidade Federal de Campina Grande (2005), Art. 69, Capítulo II, a política de pesquisa terá como objetivos produzir, estimular e incentivar a investigação científica, de forma articulada com o ensino e a extensão, visando à produção do conhecimento e ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da cultura e das artes, com o propósito precípua de resgatar seu caráter público e sua função social. Paralelo a isso, no Art. 70 do Capítulo III, o Estatuto prevê que a política de extensão universitária constitui-se em um processo educativo, artístico-cultural, científico e tecnológico, articulado de forma indissociável à pesquisa e ao ensino.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação (2001), devem compor o Currículo dos Cursos de Graduação em Medicina Atividades Complementares flexíveis de caráter técnico, científico e cultural. Serão reconhecidos como componentes curriculares complementares flexíveis, o limite mínimo de 120 horas ou 08 créditos, estudos e práticas realizados independentemente pelos alunos, do 1º ao 8º períodos, tais como: estágios concursados na rede de saúde; participação em congressos da área de saúde e atividades desenvolvidas

em Programas Institucionais de Ensino (MONITORIA), Extensão (PROBEX) e Iniciação Científica (PIBIC e PIVIC).

Segundo o Projeto Pedagógico da UFCG, cumpre ao Curso da Medicina da UAMED/CCBS/UFCG preparar o seu discente para compreender a si mesmo e ao outro, por meio de um melhor conhecimento do ser biológico, do mundo e das relações que se estabelecem entre os homens, e entre estes e o meio ambiente físico e social, a partir da compreensão das diferenças individuais, da aceitação dos opostos e da tolerância com o adverso, levando a formação de um médico-cidadão apto a contribuir plenamente e a atuar em uma sociedade plural e fraterna.

O número crescente de artigos publicados estudando as atividades de ensino e o aparecimento de encontros científicos voltados especificamente para essas, pode indiretamente estimar o ímpeto dos programas de iniciação em pesquisa na produção científica nacional (PÊGO-FERNANDES, MARIANI, 2010). Ultimamente, o governo prioriza a constante atualização científica dos médicos e o contato com o que há de mais novo nos campos de atuação da medicina (CRASTO *et al.*, 2007; CARDOSO *et al.*, 2005). Não só a leitura, mas, principalmente, a análise crítica de artigos da literatura médica, a realização e a correta interpretação dos resultados de uma pesquisa científica consistem num valioso método de educação contínua (FERGUNSON, JAMES, MADELEY, 2002; CRASTO, NEVES, PIRES, 2007; REINDERS, KROPMANS, COHEN-SCHOTANUS, 2007; FAVA-DE-MORAES, FAVA, 2000).

No Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), se perfilha como a principal agência financiadora através de seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, conhecido como PIBIC (PÊGO-FERNANDES, MARIANI, 2010). Encorajar e motivar a pesquisa pelos alunos pode compensar a falta de cientistas médicos e ajudar os países em desenvolvimento a alcançarem a autoconfiança nos serviços de saúde e pesquisa (SCARIA, 2004). Também se pode mencionar que, em geral, os estudantes que fizeram iniciação científica têm melhor desempenho nas seleções para a pós-graduação, terminam mais rápido a titulação, possuem um treinamento mais coletivo e com espírito de equipe e detêm maior facilidade de falar em público e de se adaptar às atividades didáticas futuras (FAVA-DE-MORAES, FAVA, 2000).

Assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar o conhecimento dos discentes dos cursos de Medicina do Centro de Ciências Biológicas da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande –

UFCG no Campus de Campina Grande em relação aos programas de pesquisa e extensão desenvolvidos na instituição e quais as principais áreas de pesquisa nos últimos 2 anos.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo exploratório de abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na cidade de Campina Grande/PB, entre os dias 01 de março a 30 de abril de 2012.

A amostra envolvida compreendeu os discentes do primeiro ao oitavo períodos do curso de Medicina, excluindo aqueles que se encontravam no Internato, presentes no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da UFCG e no Hospital Universitário Alcides Carneiro nos dias de aplicação dos questionários. A amostra foi selecionada aleatoriamente, considerando a inserção nos critérios de inclusão. Os indivíduos que aceitaram participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram analisados, concomitantemente, através de arquivos da Universidade, os dados sobre as principais áreas dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos nos últimos 2 anos.

Os critérios de inclusão foram: aceitar participar da pesquisa, ter acima de 18 anos, assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ser discente vinculado ao curso de Medicina do CCBS da UFCG e estar cursando entre o primeiro e oitavo período da graduação. Os discentes que não preencheram os critérios de inclusão foram excluídos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário constituído por uma série ordenada de

perguntas dicotômicas e de múltiplas respostas. Essas questões abordaram a participação dos alunos e interesse em participar de projetos de extensão e/ou iniciação científica. Também sobre a influência dos projetos na formação de novos pesquisadores, a contribuição desses para a comunidade ou para o próprio curso e qual a real motivação e problemas, encontrados pelos alunos, para o ingresso em projetos universitários. Os dados foram digitados em planilhas eletrônicas, e, foram submetidos a tratamento estatístico utilizando o software SPSS 20.0 para Windows. Utilizou-se o teste da Razão de Verossimilhança e a Prova de Tendência Linear, com nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

A pesquisa foi realizada dentro das normas e diretrizes vigentes na resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro sob o protocolo 20111611-059.

RESULTADOS

Os questionários foram aplicados entre 149 discentes do curso de bacharelado em medicina da Universidade Federal de Campina Grande, que correspondem a 43% do total de alunos matriculados do primeiro ao oitavo período no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde durante o período de dois meses.

Em relação aos problemas encontrados para ingressar nos programas ofertados, a falta de tempo para dedicação às atividades extracurriculares (18,1%) foi apontada como o principal item, seguido pela pouca ou nenhuma informações/divulgação sobre edital de seleção (20%) (Tabela 1).

Observou-se que durante o avanço da graduação os alunos tendem a ingressar em programas de

Tabela 1. Principais problemas apontados pelos discentes do curso de Medicina para o ingresso em Programas de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica.

Problemas para ingresso	N	%
Falta de tempo	27	18,1
Falta de Informação	26	17,4
Concorrência	23	15,4
Seleção injusta	17	11,4
Número escasso de projetos	13	8,7
Só poder participar de um projeto	7	4,7
Burocracia	4	2,7
Outros	13	8,8
Não respondeu	19	12,8
Total	149	100

Iniciação Científica e Extensão. Nos períodos iniciais o ingresso nesses programas é escasso. No primeiro período, apenas 5% dos participantes estão engajados em algum programa, ao passo que no sétimo e oitavo período 72,7% e 64,3%, respectivamente, participou de, pelo menos, um projeto de pesquisa, extensão e/ou iniciação científica. Há uma redução de vínculos a programas extracurriculares por parte dos alunos do quinto e do sexto período (Figura 1).

Quando questionados acerca do interesse em participar de programas de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica, verifica-se uma crescente procura por mais de um programa desde o primeiro (53,3%), segundo (71,4%) e terceiro período (100%), embora seguido de redução com o avanço da graduação. Outra informação que ganha destaque nesse questionamento é que o interesse em ingresso diminui no quinto período, onde 37,5% dos alunos não têm interesse em ingresso em programas, seguido pelo oitavo período (25%). No quarto, sexto e sétimo período há considerável ênfase no interesse de participação em apenas um programa (Figura 2).

Dos entrevistados, 91,4% concorda que a participação em Programas de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica contribui para a formação de uma nova vocação, para a formação de pesquisadores produtivos e para o fornecimento de um legado para a comunidade e para o próprio curso de graduação (Tabela 2).

Observa-se que em todos os períodos a preocupação dos alunos tem foco na busca por enriquecimento do currículo (85,3%). A busca por remuneração foi pouco apontada nas respostas dos participantes, sendo citada como única motivação apenas no quinto (9,1%) e sétimo (11,1%) período (Figura 3).

A partir da Figura 4, nota-se que as principais áreas onde são desenvolvidos os projetos de pesquisa nos últimos dois anos são Ginecologia/Obstetrícia (29,41%), Microbiologia (17,65%) e Neurologia (14,70%).

Quanto aos projetos de extensão desenvolvidos na universidade também nos últimos dois anos, observa-se uma maior produção nas áreas de Saúde Coletiva (22,72%), Endocrinologia (11,36%), Ginecologia/Obstetrícia (11,36%) e Psiquiatria (9,09%) (Figura 5).

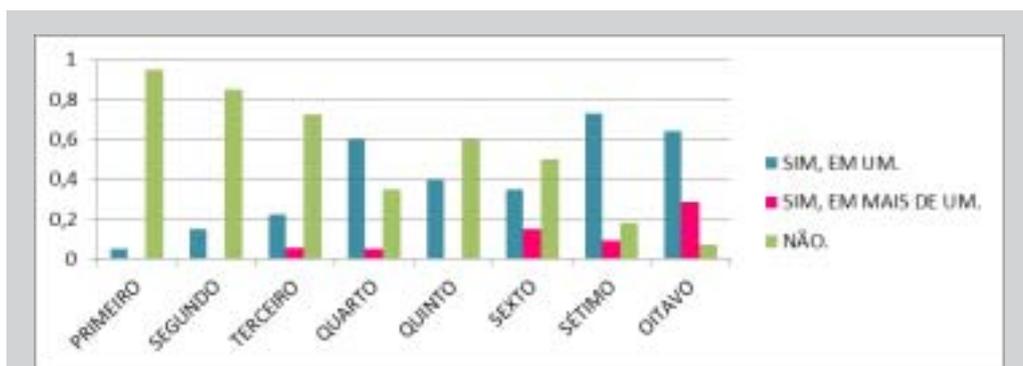


Figura 1. Participação dos alunos em Programas de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica por período. Na ordenada, a porcentagem de alunos. Na abscissa, o período cursado por esses alunos. Fonte: Dados da Pesquisa. n=149; p=0,000.

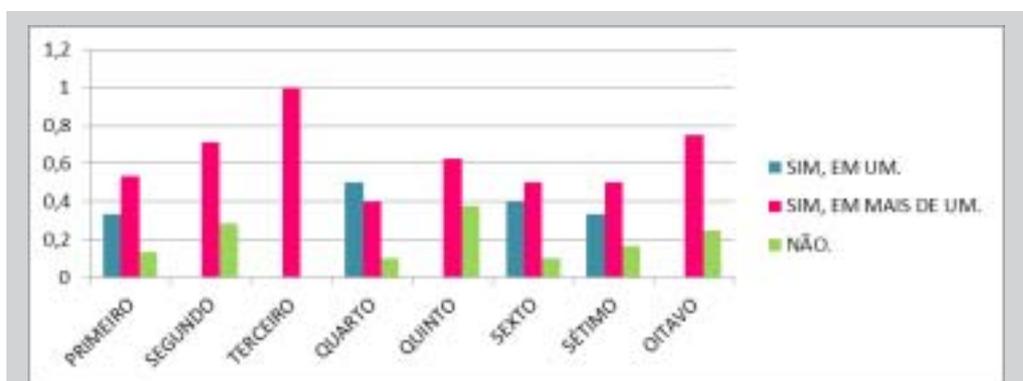


Figura 2. Interesse em participar de Projetos de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica. Na ordenada: a porcentagem de alunos. Na abscissa o período cursado por esses alunos. Teste de razão de verossimilhança. n=77; p=0,005.

Possíveis contribuições	N	%
Influi na vocação, forma novos pesquisadores e contribui com a comunidade	137	91,9
Não influi na vocação, Não forma novos pesquisadores e não contribui com a comunidade	5	3,4
Não influi na vocação, forma novos pesquisadores e contribui com a comunidade	4	2,7
Influi na vocação, forma novos pesquisadores e não contribui com a comunidade	2	1,3
Influi na vocação, não forma novos pesquisadores e contribui com a comunidade	1	0,7
Total	149	100

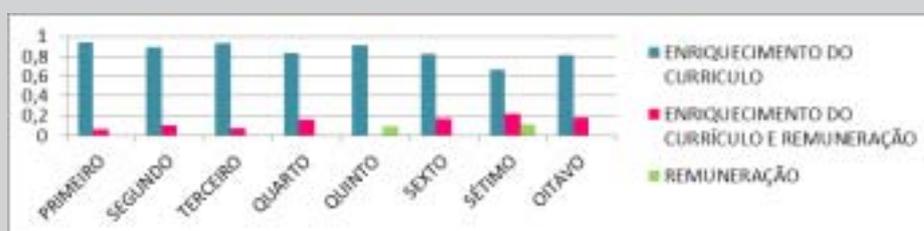


Figura 3. Motivações para ingresso em Projetos de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica. n=125; p=0,033.

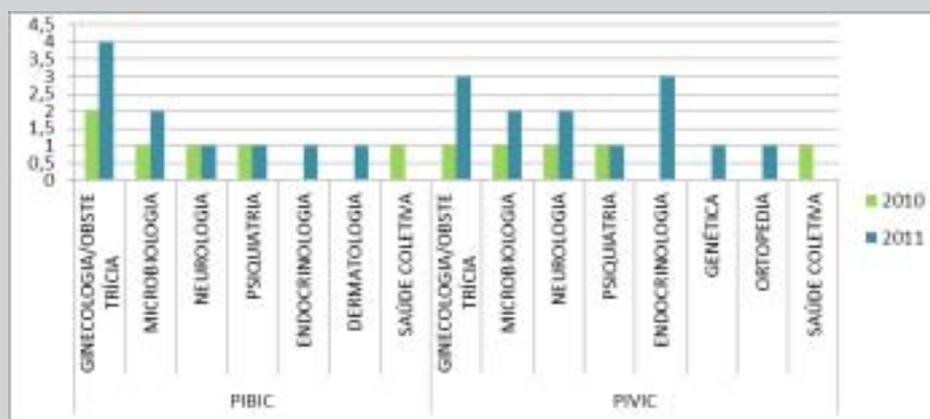


Figura 4: Principais áreas dos projetos de pesquisas desenvolvidos pelos alunos de Medicina da UFCG em Campina Grande – PB.

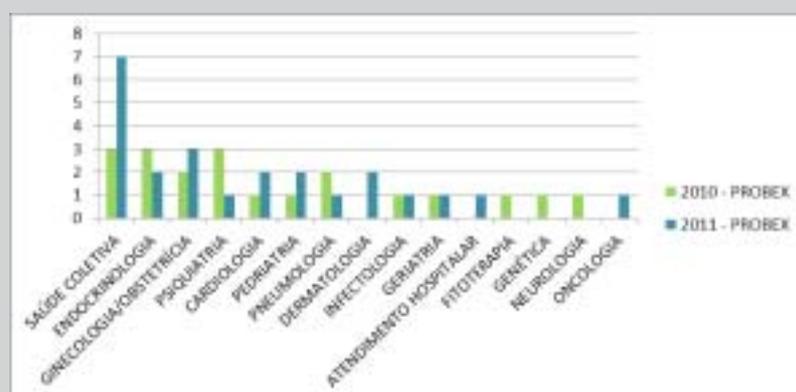


Figura 5: Principais áreas dos projetos de extensão desenvolvidos pelos alunos de Medicina da UFCG em Campina Grande – PB.

DISCUSSÃO

É crescente o interesse dos alunos de Medicina em engajarem-se na iniciação científica durante a graduação, tendo em vista os questionários acerca do interesse em participar de programas de Extensão e/ou Iniciação Científica. Verifica-se uma maior procura por mais de um programa desde o primeiro período, embora seguido de redução com o avanço da graduação. O principal benefício da iniciação científica se refere à possibilidade de obter uma formação acadêmico-profissional que lhes garantam uma melhor qualificação e diferenciação dos alunos que não participam de programas desta natureza. Contudo, existem alguns problemas para o não ingresso dos graduandos nestes.

Conforme OLIVEIRA *et al.* (2011), são inúmeras as razões pelas quais os discentes justificam a não participação dessas atividades. Essas vão desde a falta de interesse do aluno, até a inexistência de pessoal qualificado ou motivado, principalmente, a falta de estímulo institucional para a realização de pesquisas, em conformidade com os achados de TENÓRIO, BERALDI (2010). Além disso, como se percebe na tabela 1, a maior queixa dos discentes permeia a falta de tempo, devido à sobrecarga, já que existe uma maior demanda de responsabilidade com as disciplinas em curso durante a graduação e a carga horária ser integral durante todos os períodos. Outras reclamações subsequentes são a pouca ou nenhuma informação/divulgação do edital de seleção e a alta concorrência durante a seleção.

Nos períodos iniciais o ingresso nos programas é escasso, fato que não ocorre nos períodos seguintes. Observou-se que os discentes já participaram ou participam em programas de Iniciação Científica e Extensão de acordo com o avanço da caminhada acadêmica. No entanto, durante o quinto e sexto período há um maior desligamento dos alunos a fim de dedicar-se inteiramente à graduação, haja vista o início das práticas intervencionistas hospitalares (Figura 1).

DINI, BATISTA (2004) perfilham que a expectativa central dos alunos, durante todo o curso de medicina, é se tornar um bom médico, mas uma visão idealista inicial vai progressivamente mudando para uma visão mais realista da profissão. Nota-se que entre o 4º e 8º período sua expectativa se volta para o sucesso nas seleções de projetos que envolvam pesquisa, ensino e extensão.

Na Figura 2 o interesse em participar de mais de um projeto é crescente até o terceiro período, seguido de redução com o avanço da graduação, pois muitos dos alunos já participam ou participaram de algum projeto, até o terceiro período. Tal fato pode evidenciar

a redução de interesse por parte dos discentes de períodos mais avançados. Faz-se necessário abordar que no próprio questionário, os discentes que já participaram ou participam de algum programa ficariam isentos de responder a questão sobre interesse em participar. Portanto, supõe-se que os alunos que não participaram de nenhuma atividade extracurricular até o terceiro período, não possuem a real intenção de ingressar em tais atividades. Inúmeras podem ser as razões para tal decisão, e algumas foram listadas na tabela 1 e discutidas no presente trabalho.

De acordo a Figura 3, existe uma afirmação dos benefícios oriundos do envolvimento com projetos de pesquisa, ensino e/ou extensão, sendo pertinente ressaltarmos que a justificativa se pauta na formação de uma nova vocação, na formação de novos pesquisadores produtivos e no fornecimento de um legado para a comunidade ou para a própria graduação. Intrinsecamente, conforme OLIVEIRA, ALVES, LUZ (2008), as atividades que envolvem a iniciação científica se colocam como possibilidade de evolução no curso e na preparação para um “bom médico”.

A ênfase dada ao motivo do ingresso em um projeto de ensino, pesquisa, extensão e iniciação científica foi mais bem justificado no sentido do enriquecimento do currículo e em menor escala com relação à remuneração. Segundo OLIVEIRA, ALVES, LUZ (2008), 84% dos estudantes de Medicina defendem a obrigatoriedade da Iniciação Científica na graduação, enquanto somente 7% tentam realmente ingressar em projetos de pesquisa.

Na Figura 4, aos alunos que justificaram a importância da iniciação científica no que tange a remuneração, conforme FAVA-DE-MORAIS, FAVA (2000), bolsistas empregam estes recursos para adquirir livros, arranjar documentações, etc., montando seu próprio acervo para o futuro. Outros aproveitam o auxílio para ajudar a própria família ou para dispensar a mesada doméstica. Deste modo, a iniciação científica exercita também outra responsabilidade de natureza social perante uma realidade diferente daquela exclusivamente científica.

Na Figura 5, há uma predominância de estudos nas áreas de Ginecologia e Obstetrícia, seguidos dos mesmos em Microbiologia e Neurologia. Isso se deve ao fato de uma maior concentração de docentes doutorados enquanto orientadores de projetos de PIBIC e PIVIC já que é uma prerrogativa o professor orientador possuir o título de doutor para PIBIC.

Já nos projetos de extensão (Figura 5), existe uma predominância nas produções em Saúde Coletiva, Endocrinologia, Ginecologia, Obstetrícia e Psiquiatria. Neste caso, amplia-se o número de áreas abordadas nos

projetos, visto que não há obrigatoriedade no doutorado para o docente. A Saúde Coletiva se sobressai em relação às outras temáticas, pois é uma disciplina que conduz o aluno a uma interação pessoal com a comunidade. Para OLIVEIRA *et al.*, (2011) os discentes ressaltam a importância da disciplina da saúde coletiva como contribuinte para uma relação melhor com o paciente. Tal fato reflete na preferência por atividades extracurriculares nessa área e apreciação de práticas voltadas para comunidade.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebe-se que existe uma deficiência no que diz respeito ao acesso dos discentes do curso de bacharelado em medicina às atividades concernentes à iniciação científica. Onde a dinâmica no percurso da formação médica, atualmente, além de muito intensa, é determinada por múltiplos fatores que precisam ser discutidos e analisados, em seu conjunto.

Portanto, nenhuma medida isoladamente pode ser considerada como a responsável pelo sucesso ou insucesso dos discentes no que diz respeito aos envolvimento com projetos de pesquisa, ensino e extensão. Mesmo com os mesmos afirmando a importância da iniciação científica, é notável que mesmo assim existe um desinteresse em se envolverem com tais atividades.

Além de que a ênfase dada ao motivo do ingresso

em um projeto de ensino pesquisa, extensão e iniciação científica foi mais bem justificado no sentido do enriquecimento do currículo e em menor escala com relação à remuneração. Logo, nota-se a importância de métodos que busquem, cada vez mais, uma interação profunda ante a carga horária exacerbada de sala de aula com esses projetos. Destaca-se assim, a necessidade de uma maior sensibilização e acesso à informação por parte do corpo discente a fim de se envolver de forma mais efetiva nas atividades extracurriculares. Dentre as áreas de atuação observou-se um maior número de trabalhos realizados em Ginecologia/Obstetrícia, Microbiologia e Neurologia devido ao maior número de doutores nessas. Nas atividades de extensão, nas quais não há essa exigência, notou-se a preferência por áreas mais voltadas para serviços na comunidade. Em relação à atuação nos programas de iniciação científica observou-se uma maior ênfase em algumas áreas, já que há a prerrogativa de um doutorado para realização de tais atividades. Nas atividades de extensão, nas quais não há essa exigência, notou-se a preferência por áreas mais voltadas para serviços na comunidade.

Dessa forma, haverá a possibilidade de formação de médicos, não apenas com conhecimentos ambulatoriais e hospitalares, mas sim um profissional que tenham como aliado para o progresso da ciência a alma de um pesquisador e a atitude de um extensionista com o objetivo de facilitar sua interação com a comunidade.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO GP, SILVA JUNIOR CT, CARVALHO NETTO ALC, TOUÇAAS, MATTOSACMT, PACHECOAB, BRIGIDO DC, NACIF I. Dez anos de iniciação científica: o que aprendemos? Experiência da Disciplina de Iniciação Científica do Curso de Medicina da UFF. *Pulmão RJ*, 14(2):131-136, 2005.
- CARNEIRO JA, COSTA FM, LIMA CC, OTAVIANO MR, FRÓES GJ. Unimontes Solidária: Interação Comunitária e Prática Médica com a Extensão. *Rev Bras Ed Med*, 35(2): 283-238, 2011.
- CRASTO MCV, NEVES DD, PIRES MLE, NASCIMENTO LP, VIEIRA LPV, SERAFIM EP. O ensino de iniciação científica no curso de medicina. *Pulmão RJ*, 16(1):12-16, 2007.
- DINI OS, BATISTA NA. Graduação e Prática Médica: Expectativas e Concepções de Estudantes de Medicina do 1º ao 6º ano. *Rev Bras Educ Méd*. 28(3):542-554, 2004.
- FAVA-DE-MORAES F, FAVA M. A Iniciação Científica: Muitas vantagens e poucos riscos. *SP Perspect*, 14(1):73-77, 2000.
- FERGUNSON E, JAMES D, MADELEY L. Factors associated with success in medical school: systematic review of the literature. *BMJ*, 324(7343):952-7, 2002.
- FIGUEIREDO GC, TAVARES-NETO J. Comparação dos critérios valorizados na pesquisa científica por uma amostra de alunos e docentes do curso de Medicina de Campina Grande (Paraíba). *R Cimédbiol*, 3(2):218-23, 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 de junho de 2012.
- MONTES GS. Da implantação de uma disciplina de iniciação científica ao currículo nuclear na graduação em medicina na USP. *Rev Bras Card*, 2(2):70-77, 2000
- PÊGO-FERNANDES PM, MARIANI AW. O ensino médico além da graduação: iniciação científica. *Diagn Tratamento*, 15(3):104-105, 2010.
- OLIVEIRA NA, ALVES LA, LUZ MR. Iniciação Científica na Graduação: O que Diz o Estudante de Medicina? *Rev Bras Ed Med*, 31(3):309-314, 2008.

12. OLIVEIRA JAA, JORGE MSB, SILVA MGC, PINTO DM, PINTO FJM. A Saúde Coletiva na formação de discentes do Curso de Medicina da Universidade Estadual do Ceará, Brasil. *Rev Bras Ed Med*, 35(3):398– 404, 2011
13. REINDERS JJ, KROPMA NS TJ, COHEN-SCHOTANUS J. Extracurricular research experience of medical students and their scientific output after graduation. *Med Educ*, 39(2):237, 2007.
14. REIS FILHO AJS, ANDRADE BB, MENDONÇA VRR, BARRAL NETTO M. Conhecimento científico na graduação do Brasil: comparação entre estudantes de Medicina e Direito. *Einstein*,8(3):273-80, 2010.
15. SARAIVA JL. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. *Bras Med*,44(3):220-5, 2007.
16. SCARIA V. Whisking research into medical curriculum: the need to integrate research in undergraduate medical education to meet the future challenges [editorial]. *Calicut Medical Journal*, 2(1):1, 2004.
17. STEINERT Y, MCLEOD PJ, LIBEN S, SNELL L. Writing for publication in medical education: the benefits of a faculty development workshop and peer writing group. *MedTeach*, 30(8):280-5, 2008.
18. TENÓRIO MP, BERARDI G. Iniciação científica no Brasil e nos cursos de Medicina. *Rev Assoc Med Bras*, 56(4): 375-393, 2010.
19. UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Estatuto/Universidade Federal de Campina Grande. Editora Universitária: Campina Grande, 2005. 47p.

Correspondência

Juliana Cavalcanti Resende
End. Rua Betânia, 10, apt. 202. Derby
Recife – Pernambuco – Brasil
CEP: 52010-170
Email: julianacavalcantir@gmail.com.